

# O USO DO DEMONSTRATIVO DE FLUXO DE CAIXA EM AMBIENTE INFLACIONÁRIO PARA A OTIMIZAÇÃO DE RESULTADOS FINANCEIROS

## *THE USE OF THE DEMONSTRATIVE OF CASH FLOW IN INFLATIONARY ENVIRONMENT FOR OPTIMIZATION OF FINANCIAL RESULTS*

Giovana Silva de Arruda<sup>1</sup>  
Liane Severo Bittencourt<sup>2</sup>  
Rodrigo Debus Soares<sup>3</sup>  
Sergio Rossi Madruga<sup>4</sup>

Recebido em: 15/07/2008  
Aceito em: 18/07/2008

### Resumo

Já é de amplo conhecimento dos profissionais contábeis, que a utilização de informações desatualizadas pode causar distorções nas interpretações obtidas a partir das demonstrações financeiras. O ambiente inflacionário atual, apesar de apresentar índices reduzidos, pode ser um empecilho à obtenção de informações contábeis confiáveis. É dentro deste contexto que, procurando demonstrar a relevância que os efeitos inflacionários apresentam, e com o objetivo de otimizar a gestão financeira, foi proposto um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido pelos índices de inflação, através da correção monetária integral, a fim de trabalhar com uma moeda de poder aquisitivo constante. Para que fossem demonstrados os resultados obtidos através da utilização do demonstrativo de fluxo de caixa corrigido, foi feito um estudo embasado na movimentação de caixa de uma distribuidora de bebidas, que preferiu não ter seu nome divulgado, durante os meses de abril, maio e junho de 2006. Ficou constatado que a inflação, por menores que sejam os índices apresentados atualmente, afeta o caixa da empresa e pode gerar perdas devido à desvalorização que sofre o capital. Por fim, para a empresa estudada, o índice mais apropriado a ser utilizado é o IPC-M, gerando assim um instrumento de gerenciamento financeiro para o processo de tomada de decisão.

**Palavras-chave:** Demonstrativo de Fluxo de Caixa, Correção Monetária Integral, Inflação.

### Abstract

It is of broad knowledge of accounting professionals, that the use of outdated information. It is of broad knowledge of accounting professionals, that the use of outdated can cause distortions in the interpretations gotten from the financial demonstrations. The current inflationary environment, despite the present low rates, can be an obstacle to attainment of trustworthy accounting information. It is within this context that seeking to demonstrate the

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e atualmente cursando Mestrado em Administração, também pela UFSM. **E-mail: giovana.arruda@yahoo.com.br.**

<sup>2</sup> Bacharel em Ciências Contábeis pela UFSM. **E-mail: lianesev@hotmail.com.**

<sup>3</sup> Professor Assistente do Curso de Ciências Contábeis da UFSM, Mestre em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP). **E-mail: smadruga@smail.ufsm.br.**

<sup>4</sup> Professor Assistente do Curso de Ciências Contábeis da UFSM, Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **E-mail: rodrigodebus@hotmail.com.**

importance that the present inflationary effects, and in order to optimize financial management, has proposed a model demonstration of cash flow adjusted by the inflation indices, through the integral indexation, in order to work with a currency of purchasing power constant. What were the results demonstrated through the use of the statement of cash flow adjusted, was made based on a study of movement box of a distributor of beverages, who preferred not to have his name disclosed, during the months of April , May and June 2006. It was noted that the inflation for minors who are the indices presented currently, affect the company's box and can generate losses due to depreciation that suffers the capital. Finally, for the studied company, the index most appropriate to be used is the IPC-M, thereby generating an instrument of financial management for the decision-making process.

**Keywords:** Demonstrative Cash Flow, Integral Monetary Correction, Inflation.

## 1 INTRODUÇÃO

Muitos são os trabalhos que abordam o fluxo de caixa como instrumento de avaliação de investimentos e projetos. Existe uma abundante literatura sobre a análise e a interpretação dos demonstrativos de fluxo de caixa, que contrasta com a escassez do material disponível sobre inflação e correção monetária.

A necessidade de se desenvolver demonstrativos de fluxo de caixa corrigidos monetariamente, decorre do aumento da complexidade das atividades operacionais, o que provoca grandes disparidades entre o período no qual os lançamentos de receitas e despesas são apresentados e o período em que os correspondentes fluxos de caixa realmente ocorrem. Tal complexidade pode provocar uma maior oscilação no fluxo de caixa. Fatores externos, tais como a inflação ou mudanças no cenário econômico, afetam mais rapidamente os fluxos de caixa do que o lucro contábil.

A análise do fluxo de caixa permite que os sintomas de fragilização da estrutura de capital de giro sejam detectados a tempo para que se possa tomar as medidas necessárias à correção desta distorção.

O que este artigo propõe é utilizar-se dos recursos do demonstrativo de fluxo de caixa e adequá-lo à realidade inflacionária atual, que apesar de apresentar índices reduzidos pode representar um empecilho à obtenção de dados verossímeis, através da correção monetária integral, de forma a prever e minimizar possíveis perdas de caixa.

O primeiro método utilizado na elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, a fim de se valer do embasamento teórico na sustentação do desenvolvimento do trabalho. Sobre este aspecto, Lakatos e Marconi (1992) relatam que o levantamento bibliográfico já publicado sobre o tema proposto, permite o esforço paralelo na análise da pesquisa e manipulação das informações. Assim, a citação de outros autores permite salientar a

contribuição da pesquisa realizada e reafirmar comportamentos e atitudes perante o tema proposto.

Como segundo método, foi feito um estudo referente à movimentação de caixa de uma empresa distribuidora de bebidas, o que possibilitou o desenvolvimento de um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa, que ajudou a identificar problemas causados pela desvalorização monetária.

Após a concretização desta etapa, foi realizada a análise e interpretação dos dados, onde segundo Martins (2002), os dados deverão ser analisados visando à solução do problema proposto pela pesquisa, satisfazendo assim os objetivos colimados.

A pesquisa para a construção do estudo e da análise dos dados foi baseada em dados reais de uma empresa que optou por não ser identificada, e nos índices reais dos meses de abril/2006 a junho/2006. A partir destes dados, foi proposto um modelo de demonstrativo do fluxo de caixa, com ênfase na importância de seu uso eficiente na gestão de disponibilidades, em um cenário inflacionário da realidade brasileira, para obtenção de resultados mais próximos da realidade.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Devido à instabilidade do mercado financeiro, fica prejudicada a obtenção de informações contábeis confiáveis e tempestivas pelos gestores, que buscam novos instrumentos que os auxiliem, juntamente com a contabilidade, a entender as políticas econômicas e financeiras do país e impactos que dela advêm.

A análise do caixa de uma empresa apresenta um papel fundamental para que se obtenha informações necessárias a respeito da liquidez e da alocação de recursos na organização.

Frezatti (1997,p.13) esclarece que:

(...) definir caixa é algo que pode parecer tão empírico e simples que se torna difícil e complicado por essa mesma simplicidade. Afinal de contas, caixa é caixa. No sentido clássico, o caixa representa o objetivo final dos investidores ao optarem por uma alternativa de alocação de recursos. No meio empresarial, caixa é o ativo mais líquido disponível na empresa, encontrado em espécie na empresa, nos bancos e no mercado financeiro de curtíssimo prazo.

Uma vez que o caixa apresenta liquidez imediata, é com ele que a empresa irá sanar suas necessidades operacionais de curto prazo, interessando aos sócios a sobra de caixa para investimento mais rentável ou distribuição dos lucros.

Para o controle de um item tão importante do ativo, que é o caixa, bem como decidir qual a melhor alternativa em caso de escassez ou excesso de caixa, tem-se o fluxo de caixa, que Zdanowicz (1998,p.40) define da seguinte forma:

(...) denomina-se fluxo de caixa de uma empresa ao conjunto de ingressos e desembolsos de numerários ao longo de um período determinado. O fluxo de caixa consiste na representação dinâmica da situação financeira de uma empresa, considerando todas as fontes de recursos e todas as aplicações em itens do ativo. De forma mais sintética pode-se conceituar: é o instrumento de programação financeira, que compreende as estimativas de entradas e saídas de caixa em certo período de tempo projetado.

Seguindo o conceito citado a respeito do fluxo de caixa, Assaf Neto (1997, p.35) ressalta que a partir da elaboração do fluxo de caixa é possível prognosticar eventuais excedentes ou escassez de caixa, determinando-se medidas saneadoras a serem tomadas.

A importância do fluxo de caixa é ressaltada por Zdanowicz (1998, p.42) quando ele diz que, “numa conjuntura econômica, como a brasileira, nenhuma empresa pode se dar ao luxo de deixar seus recursos ociosos”. Neste sentido, Assaf Neto e Silva (1995, p.37) afirmam que “o fluxo de caixa não deve ser uma preocupação exclusiva da área financeira, mas sim de todos os setores da empresa”.

Sendo assim, a utilização do demonstrativo de fluxo de caixa é indispensável para a continuidade da empresa, uma vez que não abrange apenas o departamento contábil, mas todos os departamentos, servindo de apoio aos gestores na tomada de decisões..

A demonstração do fluxo de caixa tem como objetivo otimizar a gestão financeira da organização, procurando as melhores alternativas de aplicação de recursos próprios e de terceiros, de acordo com as respectivas atividades organizacionais. O desenvolvimento de um modelo de fluxo de caixa é válido no sentido de contribuir para o aprimoramento da administração das empresas.

A demonstração do fluxo de caixa, por si só, pode apresentar algumas distorções referentes à inflação vigente no país e um dos temas que tem preocupado os economistas atualmente é o fenômeno inflacionário. Utilizado como um dos índices de saúde econômica e financeira das nações é o mais conhecido dos tipos de variação do valor da moeda.

Bertolo (2006) diz que:

A inflação consiste nos aumentos persistentes e generalizados dos preços dos bens e serviços disponíveis à sociedade ou vendo por outro ângulo, uma diminuição persistente do poder aquisitivo do dinheiro. Ela obriga uma quantidade cada vez maior de moeda no pagamento de um bem ou serviço e sem que tenha havido uma produção maior de riqueza, esse aumento gera perda do poder aquisitivo (...)

Caracteriza-se inflação essencialmente como um fenômeno de natureza monetária, depreciação da moeda, resultante da elevação geral dos preços, abrangendo todos os ativos da

economia, sendo que pode variar de intensidade. É um processo dinâmico de preços em alta, não uma situação estática de preços altos, é um processo persistente e contínuo. A corrosão do valor da moeda vai aumentando gradativamente com o passar do tempo.

As conseqüências decorrentes de processos inflacionários tornam-se mais severas e desastrosas tanto maior for a velocidade e intensidade do processo de alta de preços, ao passo que taxas de inflação baixas também produzem dificuldades de assimilação pela economia, como é o caso do Brasil.

Iudícibus (1998), diz que o impacto das flutuações do poder aquisitivo da moeda é expressivo no Brasil e em muitos outros países, para ser desprezado pela contabilidade e na análise de balanços. A análise horizontal e vertical em ambientes inflacionários além de não oferecer base de comparação, impede a verificação do desempenho real da empresa.

Muitos na comunidade financeira lembram do "risco escondido" da inflação como um incentivo essencial para o investimento, ao invés da simples poupança, riqueza acumulada. A inflação, desta perspectiva, é vista como a expressão no mercado do valor temporal do dinheiro. Desta perspectiva, a inflação representa a incerteza sobre o valor da moeda no futuro.

Mede-se a inflação por meio de indicadores ou índices que tentam refletir o aumento de preços de um setor em particular ou de um segmento de consumidores. Efetivamente, existem diversos índices que são calculados para o atendimento de várias finalidades.

## **2.1 Índices para verificação da inflação**

No Brasil são utilizados inúmeros índices para a verificação da inflação, uma vez que cada setor da economia é afetado de uma forma diferente pela desvalorização da moeda.

Seguem os índices que foram utilizados para a construção do modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido. Os conceitos foram retirados do site da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

- Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), índice produzido pela FGV, que tenta refletir as variações mensais de preços, pesquisados entre os dias 21 de um mês e 20 do mês seguinte. É elaborado para contratos do mercado financeiro. Quando foi concebido, teve como princípio ser um indicador para balizar as correções de alguns títulos emitidos pelo Tesouro Nacional e Depósitos Bancários com renda pós-fixada acima de um ano. Posteriormente passou a ser o índice utilizado para a correção de contratos de aluguel e como indexador de algumas tarifas como energia elétrica.

- O Índice de Preços ao Consumidor Mensal (IPC-M), índice que também faz parte do sistema de índices de preços ao consumidor da FGV, que tem os preços levantados nas 12 capitais que formam a rede de coleta da FGV. No cálculo do índice, cada capital tem peso proporcional à sua população. O conceito de índice de preços ao consumidor localiza-se na Teoria Econômica do Consumidor. Parte da hipótese de que as pessoas se comportam racionalmente, buscando atingir o máximo nível de satisfação, decorrente do consumo de bens e serviços, tendo como restrição a renda disponível para gastos de consumo e os preços dos vários bens e serviços consumidos, a cada instante de tempo.

- A Taxa do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (SELIC) é divulgada pelo Comitê de Política Monetária (COPOM). Ela tem vital importância na economia, pois as taxas de juros cobradas pelo mercado são balizadas pela mesma. Assim, se a taxa anual está em 17% e a inflação do mesmo período foi de 5%, a taxa de juro real anual foi de 12% - a diferença. Ela expressa na forma anual, é a taxa média ponderada pelo volume das operações de financiamento por um dia, lastreadas em títulos públicos federais e realizadas no SELIC, na forma de operações compromissadas. É a taxa básica utilizada como referência pela política monetária.

Como resultado da inflação, o significado das medidas contábeis e econômicas de rentabilidade, lucros e custos divergem, e esta divergência é maior à medida que a inflação se acelera. Alguns setores da economia, como o comércio, a indústria, e o próprio governo detêm ferramentas para amenizar ou até mesmo anular seu efeito sobre os ativos.

Diversos mecanismos foram desenvolvidos para atenuar o impacto da inflação nas peças contábeis das empresas, sendo que a correção monetária integral é o mecanismo que foi escolhido para desenvolvimento do modelo de fluxo de caixa corrigido, uma vez que representa o método mais adequado para ser utilizado, visto que normalmente é realizada através de indicadores específicos, de acordo com cada projeto ou situação analisada.

## **2.2 Correção Monetária Integral**

A correção monetária integral é definida por Iudícibus e Marion (2001,p.49) como:

(...) sistema que objetiva produzir demonstrações financeiras em uma única moeda para todos os itens componentes dessas demonstrações, além de explicar os efeitos da inflação sobre cada conta. Para tanto, é necessária a adoção de um índice que reflita a perda do poder de compra da moeda corrente e pelo mesmo sejam atualizados os saldos contábeis e reconhecidos seus efeitos no resultado do exercício.

Gabriel (2004,p.5) diz que na correção monetária integral “os efeitos da inflação são reconhecidos em todos os componentes do patrimônio, utilizando-se um índice geral de preços e evidenciando os valores das demonstrações em moeda de capacidade aquisitiva constante”.

Comparando a correção monetária de balanços e a correção monetária integral, Gabriel (2004) diz que

Ao eliminar a sistemática de correção em uma única conta, obteve-se maior refinamento na mensuração dos itens do resultado. Embora seja possível conciliar o resultado das duas técnicas, a CMI é mais analítica e tem poder informativo maior. (GABRIEL, 2004, p.5).

A demonstração de fluxo de caixa em consonância com a correção monetária integral, gera indicadores do momento ideal para a realização de empréstimos ou captações de recursos externos, tanto para a cobertura de eventuais situações deficitárias, como para implementar decisões que dependem de aportes adicionais. Além disso, serve para orientar as aplicações dos excedentes de caixa (*superávits*) no mercado financeiro, possibilitando maiores ganhos para a organização e melhor compatibilização dos prazos.

Sem o reconhecimento dos efeitos inflacionários nas demonstrações contábeis, existe a possibilidade de ocorrerem sérias distorções dos números apresentados pela contabilidade, apesar dos baixos índices de inflação observados após o Plano Real.

Neste sentido, Silva et al (1993,p.26) expõem que:

Se tomarmos uma inflação de 5% ao ano, num período de 10 anos teremos 62,9% de inflação acumulada. Se para a mesma taxa de inflação ampliarmos o período para 20 anos a inflação acumulada será de 165,3%. Os números acima demonstram que a longo prazo, mesmo para os países onde a inflação é considerada baixa, a contabilidade, quando não devidamente atualizada, acaba por apresentar defasagens bastante sensíveis.

Tendo em vista todos os conceitos já disponibilizados até o momento, é de fundamental importância que se adote um modelo de gestão, obedecendo a um processo de planejamento, execução e controle, que seja dinâmico, flexível e adaptável às mudanças do meio ambiente.

### **2.3 Gestão Empresarial**

Para sobreviver num ambiente competitivo e inovador, a empresa necessita de um processo de gestão, também inovador, para que possa atingir seus objetivos e cumprir sua missão.

Com relação ao processo de gestão nas empresas, Resnik (1990) ressalta que a administração de uma empresa é a arte do essencial, é tirar o máximo do mínimo. Já de acordo com Ferreira (1986, p.282), o termo gestão “deriva do latim *gestione*, que quer dizer ato de gerir; gerência, administração. Processo de se conseguir e obter resultados da organização com o esforço dos outros, organizando, coordenando, dirigindo o trabalho alheio“.

A gestão das organizações é provavelmente o fator principal de sucesso ou insucesso das empresas. A qualidade da sua gestão determina o desempenho e o sucesso da organização.

Mosimann, Alves e Fisch (1993) subdividem a gestão empresarial em três grandes vertentes: gestão operacional, gestão financeira e gestão econômica. Salientam que na gestão financeira são enfatizados os problemas de caixa e de liquidez, sendo basicamente duas as suas funções: a aquisição dos fundos de que a empresa precisa para operar e a distribuição eficiente desses fundos entre os vários usos.

A gestão financeira, para Braga (1994,p.56),

(...) compreende um conjunto de atividades relacionadas com a gestão dos fundos movimentados por todas as áreas da empresa. Essa função é responsável pela obtenção de recursos necessários e pela formulação de uma estratégia voltada para otimização do uso desses fundos. Encontrada em qualquer tipo de empresa, a gestão financeira tem um papel muito importante no desenvolvimento de todas as atividades operacionais, contribuindo significativamente para o sucesso do empreendimento.

Os administradores, a todo instante, estão utilizando diversas práticas financeiras para melhor executar o processo de gestão do fluxo de caixa. De acordo com Zdanowicz (1998, p.45) "o fluxo de caixa é o instrumento que permite ao gestor financeiro: planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar os recursos financeiros de sua empresa num determinado período".

Assim, a projeção de uma situação financeira futura é que faz do fluxo de caixa uma poderosa ferramenta para os gestores, na medida em que suas ações poderão ser redirecionadas, dependendo do saldo disponível projetado, segundo o foco definido pela administração superior.

Frezatti (1997) afirma ainda que as práticas de gestão que constituem o processo do fluxo de caixa estão divididas em: gestão das disponibilidades, gestão de contas a receber e gestão de contas a pagar.

Por estar diretamente ligada ao tema proposto, será abordada apenas a gestão de disponibilidades, que abrange a determinação e o controle do dinheiro em caixa ou depositados em bancos provenientes das atividades de operações normais da empresa



(produção e venda de produtos) ou à gestão das entradas e saídas de caixa de investimento e de financiamento. As aplicações financeiras de curtíssimo prazo (com prazo de vencimento em até três meses da data da aplicação) também fazem parte deste grupo.

Seja qual for a determinação do nível dos saldos de disponibilidades, o administrador financeiro deve sempre ter em mente a preocupação com a liquidez da empresa. É prejudicial à organização tanto o excedente de disponibilidades quanto a insuficiência da mesma. Quando houver excedentes temporários de disponibilidades aconselha-se aplicá-las em títulos negociáveis de curtíssimo prazo que ofereçam alta liquidez e segurança do principal.

O processo de gestão do fluxo de caixa vem ganhando importância considerável nas últimas décadas como instrumento tático e estratégico na maioria das empresas que se preocupam com competitividade.

Zdanowicz (1998) denomina fluxo de caixa pela expressão inglesa “*Cash Flow*”, que é o instrumento mais importante para o administrador financeiro, pois através dele, planeja as necessidades e excedentes de recursos financeiros a serem utilizados pela empresa.

O referido autor diz ainda que as dificuldades da empresa que utiliza o planejamento para elaborar o fluxo de caixa, serão bem menores, pois se ela souber no início de cada período, quais as necessidades ou os excedentes de recursos financeiros, poderá antecipadamente tomar a decisão mais adequada para solucionar seus impasses de caixa.

Na conjuntura econômica atual a liquidez das empresas pode ser afetada pela inflação. Neste sentido, pode-se exemplificar que o recebimento dos numerários das vendas a prazo não terão o mesmo poder aquisitivo que tinham na data da venda.

Para obter o valor mais próximo do real, na data futura, os gestores devem utilizar a correção monetária integral, adotando um índice que ajudará a refletir a perda do poder de compra da moeda corrente, em consonância ao demonstrativo de fluxo de caixa.

A partir dos dados obtidos, ter-se-á a possibilidade de conhecer a perda ou o ganho gerado pela inflação. E em função disto, a empresa terá a chance de optar por investir estes valores, buscando reduzir perdas ou aumentar ganhos.

### **3 METODOLOGIA**

Este trabalho destina-se à análise do uso do demonstrativo de fluxo de caixa, na gestão de disponibilidades em ambiente inflacionário, para a otimização de resultados financeiros e à proposição de um modelo que permita a melhor interpretação dos dados obtidos, bem como apresentar formas de gerenciamento que permitam a redução de perdas.

Compete indicar o tipo de metodologia que foi adotada, e apresentar os procedimentos sistêmicos que conduziram a pesquisa para a apresentação e o desenvolvimento do trabalho.

Fachin (2002) conceitua método como sendo um instrumento de conhecimento que proporciona aos pesquisadores orientação para facilitar e planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações e realizar experiências.

Este trabalho utilizou como primeiro método a pesquisa bibliográfica a fim de se valer de embasamento teórico e sustentar o desenvolvimento do trabalho para atingir os objetivos propostos, pois a análise de conteúdo é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema (Vergara, 2003).

Assim, a citação de outros autores permite salientar a contribuição da pesquisa realizada e reafirmar comportamentos e atitudes perante o tema proposto.

Foi elaborado um caso hipotético, que possibilitou o desenvolvimento de um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa que ajudou a identificar problemas causados pela desvalorização monetária.

Após concretizada essa etapa da pesquisa, tem-se a análise e interpretação dos dados, que possibilita que se chegue a conclusões a respeito do tema pesquisado, tornando possível que se verifique se é vantajosa para a empresa a utilização do fluxo de caixa corrigido.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS**

Para a composição do caso a ser estudado, foram utilizados dados reais referente aos meses de abril, maio e junho de 2006, de uma empresa que optou por não ser identificada.

A empresa atua no ramo de distribuição de bebidas, está estabelecida desde 1994, sendo que no princípio comercializava apenas destilados e em pequena quantidade. Devido ao aumento significativo das vendas, a empresa ampliou o estabelecimento e também diversificou a variedade de produtos, passando a comercializar bebidas geladas, como cervejas e refrigerantes, o que hoje representam o carro-chefe da empresa.

Cabe ressaltar que a empresa apresenta grande movimentação diária de caixa, com muitos recebimentos e pagamentos, sendo estes de valores consideravelmente altos. Por possuir grandes movimentações de caixa, torna-se muito importante a transparência e a exatidão de suas demonstrações contábeis, além do conhecimento das especificidades do setor em que atua.

Devido aos altos valores mantidos no caixa para a efetivação dos pagamentos aos fornecedores, a empresa necessita de um acompanhamento contábil diferenciado, a fim de não sofrer grandes perdas por manter dinheiro parado desnecessariamente.

Um dos fatores que influenciam essas perdas é a inflação existente no país, que apesar de não apresentar elevados índices, torna-se bastante representativa, ainda mais em empresas que lidam diariamente com altos recebimentos e desembolsos.

Para amenizar os efeitos causados pela inflação, foi utilizada a correção monetária integral, com base em três índices, considerados de maior difusão, que são IGP-M, IPC-M e Selic.

É importante ressaltar que cada índice é calculado em relação a diferentes bases, resultando em variações muitas vezes acentuadas de um índice para outro.

Com base nos índices registrados nos meses de abril, maio e junho de 2006, foi feito o cálculo da variação diária sofrida pelos índices em cada um dos meses. Esta variação foi calculada dividindo-se o índice do mês pelo total de dias neste mês, distribuindo-os aritmeticamente de modo diário, conforme é apresentado no Quadro 1.

<b>Mês de Abril</b>			
<b>Índices</b>	<b>Período</b>	<b>Índice do Período</b>	<b>Índice Médio Aritmético Diário</b>
<b>IPC-M</b>	<b>Mensal</b>	<b>0,22</b>	<b>0,0073333</b>
<b>IGP-M</b>	<b>Mensal</b>	<b>-0,42</b>	<b>-0,014</b>
<b>Selic</b>	<b>Mensal</b>	<b>1,08</b>	<b>0,036</b>
<b>Mês de Maio</b>			
<b>Índices</b>	<b>Período</b>	<b>Índice do Período</b>	<b>Índice Médio Aritmético Diário</b>
<b>IPC-M</b>	<b>Mensal</b>	<b>0,07</b>	<b>0,0022581</b>
<b>IGP-M</b>	<b>Mensal</b>	<b>0,38</b>	<b>0,0122581</b>
<b>Selic</b>	<b>Mensal</b>	<b>1,28</b>	<b>0,0412903</b>
<b>Mês de Junho</b>			
<b>Índices</b>	<b>Período</b>	<b>Índice do Período</b>	<b>Índice Médio Aritmético Diário</b>
<b>IPC-M</b>	<b>Mensal</b>	<b>-0,44</b>	<b>-0,0146667</b>
<b>IGP-M</b>	<b>Mensal</b>	<b>0,75</b>	<b>0,025</b>
<b>Selic</b>	<b>Mensal</b>	<b>1,18</b>	<b>0,0393333</b>

Quadro 1 - Variação diária dos índices históricos

O cálculo da variação diária dos índices foi feito da seguinte maneira, conforme exemplificado para o índice IPC-M no mês de abril:

$$\text{IPC-M diário do mês de abril} = \frac{\text{índice do período}}{\text{n}^\circ \text{ de dias do mês}} = 0,00733$$

Para o cálculo da UMC diária foi utilizada a base 100 e a este valor foi adicionada a variação diária calculada para cada índice, que está demonstrada no Quadro 2, acumulando no decorrer do trimestre, conforme segue exemplo para o dia 03/04/2006 referente ao IPC-M:

$$\text{IPC-M} = \text{base 100} + \text{variação 01/04/06} + \text{variação 02/04/06} + \text{variação 03/04/06} = 100,0220$$

O Quadro 2 apresenta a movimentação de um dia (01/04/2006), referente ao índice IPC-M. A partir deste quadro será exemplificado o cálculo realizado para transformar a movimentação ocorrida no dia em UMCs:

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IPC-M	Movimento UMC IPC-M
31/3/06	<b>Saldo final do dia</b>			<b>R\$ 63.854,94</b>	<b>100,0000</b>	<b>638,5494</b>
1/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 63.854,94	100,0073	0,0000
1/4/06	Pagamentos		R\$ 161,80	R\$ 63.693,14	100,0073	(1,6179)
1/4/06	<b>Saldo final do dia</b>			<b>R\$ 63.693,14</b>	<b>100,0073</b>	

Quadro 2 - Exemplo do cálculo da movimentação de caixa pelo IPC-M

O cálculo do movimento de UMC foi feito a partir da divisão do saldo final do caixa do mês de março de 2006 pela UMC 100, que foi utilizada como base, conforme exemplificado: Movimento UMC IPC-M dia 31/03/06 =  $\frac{\text{Saldo final dia 31/03/06}}{\text{UMC IPC-M dia 31/03/06}} = 638,5954$

A partir do primeiro dia do mês de abril de 2006, toda e qualquer movimentação ocorrida no caixa foi transformada em UMC pela divisão do valor movimentado pela UMC de cada índice do respectivo dia do débito ou crédito:

$$\text{Movimento UMC IPC-M dia 01/04/06} = \frac{\text{Pagamentos do dia 01/04/06}}{\text{UMC IPC-M dia 01/04/06}} = 1,6179$$

O Quadro 3 mostra o resumo da movimentação de abril de 2006, referente ao IPC-M.

<b>Saldo que deveria Existir em UMCs (Abril)</b>	<b>141,1392</b>
<b>Saldo Existente em UMCs (Abril)</b>	<b>140,2904</b>
<b>Perda de Caixa em UMC (Abril)</b>	<b>(0,8488)</b>
<b>Perda de Caixa em R\$ (Abril)</b>	<b>(R\$ 85,07)</b>

Quadro 3 - Resumo da movimentação de caixa no mês de abril com o índice IPC-M

No final de cada mês foi feito um somatório dos valores referentes à movimentação de UMCs de todo o mês, sendo que este cálculo foi feito para os três índices. Somatório este que foi chamado de Saldo Que Deveria Existir (SQDE), que representa o saldo final do mês em referência, após a movimentação de caixa em moeda forte, isto é, atualizada pela UMC.

O cálculo para o Saldo que Deveria Existir em UMCs IPC-M relativo ao mês de abril/2006 foi realizado conforme segue:

$$\text{Recebimentos em UMCs IPC-M} - \text{Pagamentos em UMCs IPC-M} = 141,1392$$

Também foi calculado em UMCs o Saldo Existente (SE), que é o saldo final do caixa pela movimentação em reais, sem levar em consideração índices de atualização, é o valor que realmente existe no caixa, obtido pela divisão do saldo do último dia do mês pela UMC acumulada até o final do mesmo mês.

$$\text{Saldo Existente em UMCs IPC-M } 30/04/06 = \frac{\text{Saldo final do dia } 30/04/06}{\text{UMC IPC-M do dia } 30/04/06} = 140,2904$$

A partir dos valores obtidos de Saldo Existente (SE) e de Saldo Que Deveria Existir (SQDE), foi feita uma subtração do primeiro pelo segundo, onde foi obtido o valor referente ao ganho ou à perda de caixa em UMCs do respectivo mês.

$$\text{Perda de caixa em UMC IPC-M em } 04/06 = \text{SE} - \text{SQDE} = - 0,8488$$

Para transformar este valor em Reais multiplicou-se a diferença encontrada pela UMC do último dia do mês.

$$\text{Perda de caixa em Reais } 04/06 = (\text{SE} - \text{SQDE}) \times \text{UMC IPC-M dia } 30/04/06 = - \text{R}\$85,07$$

No final dos três meses foi calculado o saldo que deveria existir e o saldo existente acumulados do trimestre, obtidos da mesma forma utilizada para o cálculo mensal, ou seja, somando toda a movimentação ocorrida, em UMCs, nos meses de abril, maio e junho de 2006 referente aos recebimentos e subtraindo da soma da movimentação ocorrida, em UMCs referente aos pagamentos ocorridos nos três meses, conforme apresentado pelo Quadro 3, que representa a movimentação de caixa acumulada no segundo trimestre de 2006.

Em função da extensão necessária para a apresentação dos cálculos da movimentação de caixa acumulada, relativos ao segundo trimestre de 2006, é apresentado no Quadro 4 apenas um resumo dos resultados obtidos.

	Movimento UMC IPC-M	Movimento UMC IGP-M	Movimento UMC Selic
<b>Saldo que deveria Existir</b>	<b>149,5146</b>	<b>149,6391</b>	<b>155,0427</b>
<b>Saldo Existente</b>	<b>149,4963</b>	<b>148,2197</b>	<b>144,1685</b>
<b>Perda de Caixa em UMC</b>	<b>(0,0183)</b>	<b>(1,4194)</b>	<b>(10,8741)</b>
<b>Perda de Caixa em R\$</b>	<b>(R\$ 1,82)</b>	<b>(R\$ 142,95)</b>	<b>(R\$ 1.125,91)</b>

Quadro 4 - Movimentação de caixa acumulada no 2º trimestre de 2006

Pode-se perceber, analisando o Quadro 3, a grande diferença obtida pela utilização dos diferentes índices na perda do trimestre, calculando-se pelo IPC-M obteve-se uma perda de R\$1,82, pelo IGP-M a perda foi de R\$142,95 e já pela Selic a perda foi de R\$1.125,91.

Levando em consideração a grande disparidade apresentada pela utilização dos diferentes índices, fica ainda mais evidente que a empresa deve escolher o índice que mais se adapta à realidade da empresa, como por exemplo uma empresa que se utiliza frequentemente de empréstimos bancários deve trabalhar com a Selic, uma vez que este é o índice utilizado para o cálculo das taxas de juros bancários.

Para montar um demonstrativo de fluxo de caixa é fundamental separar as contas em entradas e saídas de recursos, ou melhor, aplicações e origens de recursos financeiros.

O Quadro 5 representa a movimentação analítica ocorrida no dia 03/04/2006, e é a partir dela que será desenvolvido o exemplo dos cálculos efetuados para a transformação da movimentação em moeda para UMCs no índice IPC-M.

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IPC-M	Movimento UMC IPC-M
2/4/2006	<b>Saldo final do dia</b>			<b>R\$ 63.693,14</b>	<b>100,0147</b>	<b>636,8380</b>
3/4/2006	Rcbtos Clientes	R\$ 8.150,00		R\$ 71.843,14	100,0220	81,4821
3/4/2006	Vendas à Vista	R\$ 6.250,00		R\$ 78.093,14	100,0220	62,4863
3/4/2006	Pgtos Emprést. LP		(R\$ 3.200,00)	R\$ 74.893,14	100,0220	(31,9930)
3/4/2006	Compras à Vista		(R\$ 9.063,16)	R\$ 65.829,98	100,0220	(90,6117)
3/4/2006	Pgtos Dividendos		(R\$ 8.600,00)	R\$ 57.229,98	100,0220	(85,9811)
3/4/2006	Pgtos Fornecedores		(R\$ 2.000,00)	R\$ 55.229,98	100,0220	(19,9956)
3/4/2006	<b>Saldo final do dia</b>			<b>R\$ 55.229,98</b>	<b>100,0220</b>	<b>552,1783</b>

Quadro 5 - Exemplo do cálculo da movimentação analítica pelo IPC-M

Cada fato ocorrido no caixa foi transformado em UMC referente a cada um dos índices utilizados para servir de base ao modelo proposto, exemplificado pelo recebimento do dia 03/04/2006, atualizado pelo IPC-M, que foi a primeira movimentação ocorrida nesta data.

O cálculo para encontrar a movimentação em UMC IPC-M do dia 03/04/06 foi realizado de acordo com o exemplo:  $\frac{\text{Recebimentos de Clientes dia 03/04/06}}{\text{UMC IPC-M do dia 03/04/06}} = 81,4821$

Inicialmente, a movimentação do caixa foi agrupada em origens e aplicações e posteriormente, nas devidas contas, com valores em reais, a movimentação em UMCs e o saldo que deveria existir em reais atualizado pelos índices, conforme é apresentado no Quadro 6, apenas referente ao IPC-M.

Origens	R\$	Movimentação UMCs - IPC-M	SQDE R\$ IPC-M
<i>Caixa Gerado Pelas Operações</i>			
Recebimentos de Vendas	R\$ 366.434,51	3660,6130	R\$ 366.866,63
Recebimentos de Vendas de Imobilizado	R\$ 64.905,00	648,6064	R\$ 65.003,33
Resgate de Aplicações Financeiras	R\$ 94.302,51	941,3804	R\$ 94.345,14
(-) Pagamentos de Compras	(R\$ 218.912,02)	(2187,1221)	(R\$ 219.193,38)
(-) Pagamentos de Despesas	(R\$ 82.860,12)	(827,8695)	(R\$ 82.969,08)

	(-) Perda no Caixa	R\$ 0,00	(0,8488)	(R\$ 85,07)
	<b>Total das Origens</b>	R\$ 223.869,88	2234,7593	R\$ 223.967,58
<b>Aplicações</b>				
	Pagamentos de Empréstimos LP	(R\$ 3.200,00)	(31,9930)	(R\$ 3.206,33)
	Pagamentos de Dividendos	(R\$ 8.600,00)	(85,9811)	(R\$ 8.617,02)
	Aquisição de Imobilizado	(R\$ 127.208,09)	(1270,2923)	(R\$ 127.308,69)
	Aplicações Financeiras	(R\$ 134.656,83)	(1344,7520)	(R\$ 134.771,05)
	<b>Total das Aplicações</b>	(R\$ 273.664,92)	(2733,0184)	(R\$ 273.903,10)
	<i>Redução das Disponibilidades</i>	(R\$ 49.795,04)	(498,2590)	(R\$ 49.935,52)

Quadro 6 – Exemplo das origens e aplicações em Reais e UMC pelo índice IPC-M

Foram somados, para cada conta, todos os valores respectivos aos acontecimentos ocorridos no mês de referência, tanto em Reais, como em UMCs.

Os cálculos demonstrados são referentes ao mês de abril de 2006, pelo índice IPC-M, sendo que foi escolhida apenas a conta de recebimentos de vendas de imobilizado para exemplificação. Primeiramente foi demonstrado como foi realizado o cálculo para encontrar o valor em reais e posteriormente o cálculo em UMCs.

Soma dos recebimentos de vendas de imobilizado no mês de abril/2006 = R\$64.905,00

Soma dos recebimentos de vendas de imobilizado em UMCs em abril/06 = 684,6064

A partir da quantidade de UMCs que foi gerada através desta soma, foi obtido o valor em Reais atualizado pela UMC do ultimo dia do mês de referência. Este procedimento foi aplicado aos três índices utilizados, na demonstração de fluxo de caixa dos meses de abril, maio e junho de 2006.

O cálculo para encontrar o Saldo que Deveria Existir em R\$ no mês de abril/06 foi realizado da seguinte maneira:

Soma movimentação recebimento clientes UMC abril/06 x UMC 30/04/06 = R\$65.003,33

O cálculo da perda ou do ganho de caixa foi realizado da seguinte maneira: divisão do saldo em Reais do último dia do mês pela UMC da mesma data, reduzindo do valor encontrado a soma das movimentações em UMC para determinado índice, conforme demonstrado a seguir:

Saldo em R\$ do caixa em 30/04/06 - SQDE UMCs IPC-M mês de abril/06 = - 0,8488

UMC IPC-M de 30/04/06

Para encontrar o valor em reais da perda de caixa, é necessário que se multiplique a perda de caixa em UMCs calculada conforme demonstrado anteriormente, pela UMC do último dia do mês em questão, conforme segue demonstração do cálculo:

Perda de caixa em UMC IPC-M em abril/06 x UMC IPC-M dia 30/04/06 = - R\$85,07

A redução de disponibilidades é calculada pela diferença do total das aplicações pelo total das origens. O saldo final de caixa do mês é obtido pela subtração do saldo final do mês anterior pela redução das disponibilidades:

Total de aplicações em abril/06 – Total de origens em abril/06 = R\$49.795,04

O Quadro 7 representa a conciliação, que é a verificação do saldo final existente em caixa, efetuada na DFC, sendo que é obtida através da diferença entre o saldo final do mês anterior e a redução das disponibilidades, conforme exemplo referente ao mês de abril pelo índice IPC-M.

	R\$	Movimentação UMCs - IPC-M	SQDE R\$ IPC-M
<b>Conciliação</b>			
Saldo de Caixa e Bancos em 31/3/2006	R\$ 63.854,94	638,5494	R\$ 63.995,42
(-) Redução das Disponibilidades	(R\$ 49.795,04)	(498,2590)	(R\$ 49.935,52)
Saldo de Caixa e Bancos em 30/4/2006	R\$ 14.059,90	140,2904	R\$ 14.059,90

Quadro 7 – Exemplo de conciliação na DFC em Reais e UMC pelo índice IPC-M

O saldo de caixa em banco em 30/04/06 foi calculado da seguinte forma:

Saldo de caixa em bancos em 31/03/06 – Redução das disponibilidades = R\$14.059,90

Os Quadros 6 e 7 e seus respectivos cálculos estão dispostos de forma a exemplificar e demonstrar de maneira didática como foi construído o modelo de demonstrativo de fluxo de caixa em moeda de poder aquisitivo constante, para otimização da gestão de disponibilidades em ambiente inflacionário, representado pelo Quadro 8, conforme segue:



<b>Origens</b>	<b>R\$</b>	<b>Movimentação UMCs - IPC-M</b>	<b>SQDE R\$IPC-M</b>	<b>Movimentação UMCs - IGP-M</b>	<b>SQDE R\$ IGP-M</b>	<b>Movimentação UMCs - Selic</b>	<b>SQDE R\$ Selic</b>
<i>Caixa Gerado Pelas Operações</i>							
Recebimentos de Vendas	R\$ 366.434,51	3660,6130	R\$ 366.866,63	3671,4971	R\$ 365.607,68	3646,1164	R\$ 368.549,45
Recebimentos de Vendas de Imobilizado	R\$ 64.905,00	648,6064	R\$ 65.003,33	649,8989	R\$ 64.716,93	646,8791	R\$ 65.386,54
Resgate de Aplicações Financeiras	R\$ 94.302,51	941,3804	R\$ 94.345,14	946,1818	R\$ 94.220,78	935,0081	R\$ 94.510,62
(-) Pagamentos de Compras	(R\$ 218.912,02)	(2187,1221)	(R\$ 219.193,38)	(2192,9489)	(R\$ 218.373,85)	(2179,3597)	(R\$ 220.289,68)
(-) Pagamentos de Despesas	(R\$ 82.860,12)	(827,8695)	(R\$ 82.969,08)	(830,0028)	(R\$ 82.651,68)	(825,0257)	(R\$ 83.393,59)
(-) Perda no Caixa	R\$ 0,00	(0,8488)	(R\$ 85,07)	1,6303	R\$ 162,35	(4,1334)	(R\$ 417,80)
<b>Total das Origens</b>	<b>R\$ 223.869,88</b>	<b>2234,7593</b>	<b>R\$ 223.967,58</b>	<b>2246,2564</b>	<b>R\$ 223.682,21</b>	<b>2219,4848</b>	<b>R\$ 224.345,53</b>
<b>Aplicações</b>							
Pagamentos de Empréstimos LP	(R\$ 3.200,00)	(31,9930)	(R\$ 3.206,33)	(32,0134)	(R\$ 3.187,90)	(31,9655)	(R\$ 3.231,07)
Pagamentos de Dividendos	(R\$ 8.600,00)	(85,9811)	(R\$ 8.617,02)	(86,0361)	(R\$ 8.567,48)	(85,9072)	(R\$ 8.683,50)
Aquisição de Imobilizado	(R\$ 127.208,09)	(1270,2923)	(R\$ 127.308,69)	(1275,5111)	(R\$ 127.015,40)	(1263,3535)	(R\$ 127.699,77)
Aplicações Financeiras	(R\$ 134.656,83)	(1344,7520)	(R\$ 134.771,05)	(1350,0531)	(R\$ 134.438,29)	(1337,7113)	(R\$ 135.215,85)
<b>Total das Aplicações</b>	<b>(R\$ 273.664,92)</b>	<b>(2733,0184)</b>	<b>(R\$ 273.903,10)</b>	<b>(2743,6138)</b>	<b>(R\$ 273.209,06)</b>	<b>(2718,9375)</b>	<b>(R\$ 274.830,20)</b>
<i>Redução das Disponibilidades</i>	(R\$ 49.795,04)	(498,2590)	(R\$ 49.935,52)	(497,3574)	(R\$ 49.526,85)	(499,4526)	(R\$ 50.484,67)
<b>Conciliação</b>							
Saldo de Caixa e Bancos em 31/3/2006	R\$ 63.854,94	638,5494	R\$ 63.995,42	638,5494	R\$ 63.586,75	638,5494	R\$ 64.544,57
(-) Redução das Disponibilidades	(R\$ 49.795,04)	(498,2590)	(R\$ 49.935,52)	(497,3574)	(R\$ 49.526,85)	(499,4526)	(R\$ 50.484,67)
Saldo de Caixa e Bancos em 30/4/2006	R\$ 14.059,90	140,2904	R\$ 14.059,90	141,1920	R\$ 14.059,90	139,0968	R\$ 14.059,90

Quadro 8 - Modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido mês de abril

## 5 CONCLUSÃO

A identificação das necessidades ou sobras de caixa transformou o demonstrativo de fluxo de caixa em um dos importantes instrumentos para o gestor financeiro da empresa. Este demonstrativo torna-se ainda mais importante quando utilizado em um ambiente inflacionário, onde os valores parados em caixa podem ser diretamente impactados pelas variações causadas pela inflação, por menores que elas pareçam.

Foi possível constatar que o fluxo de caixa atualizado pela correção monetária integral é um instrumento que permite demonstrar e estimar as flutuações causadas pela inflação no capital movimentado no caixa, facilitando a análise e decisão quanto aos recursos financeiros, bem como utilizar as disponibilidades da melhor forma, afim de não sofrer grandes perdas.

Neste contexto, o fluxo de caixa corrigido foi trabalhado como uma ferramenta de gestão financeira para atender aos objetivos de uma empresa possibilitando um planejamento e controle financeiro, abrindo um leque de oportunidades para serem estudadas.

O fluxo de caixa corrigido pelos índices demonstrou que independentemente de uma inflação aparentemente baixa, manter capital ocioso em caixa pode gerar desvalorização da moeda, gerando perdas para a empresa.

Ao elaborar o demonstrativo de fluxo de caixa corrigido, foram separadas as origens e as aplicações de recursos financeiros. Com isso, obteve-se a facilidade de trabalhar a movimentação do caixa por itens agrupados conforme sua natureza e corrigidos pelos índices históricos.

Constatou-se, na aplicação do demonstrativo de fluxo de caixa corrigido pelos índices IPC-M, IGP-M e Selic, que os resultados obtidos pela utilização dos índices são discrepantes, pois cada índice é composto por variáveis diferentes. Sendo assim, cada empresa deve analisar qual o índice que mais se adapta ao seu setor ou características próprias.

Pode-se verificar a grande variação nos resultados encontrados pela utilização dos índices no demonstrativo de fluxo de caixa corrigido referente ao mês de abril/2006, pois pelo índice IGP-M ocorreria um ganho de caixa no valor de R\$162,35, pelo índice IPC-M ocorreria uma perda de caixa no valor de R\$85,07 e já pela Selic ocorreria uma perda no valor de R\$417,80. Estes valores de ganho ou perda de caixa representam o que a empresa teria ganhado ou perdido por ter deixado dinheiro parado no caixa, em decorrência da inflação.

No caso da empresa em que foram analisados os dados, o índice mais apropriado a ser utilizado é o IPC-M, pois este índice parte da hipótese de que as pessoas buscam atingir o máximo de satisfação relativo ao consumo de bens e serviços e ele tem base na Teoria

Econômica do Consumidor. Sendo a empresa uma distribuidora de bebidas, ela está ligada à questão da satisfação dos clientes e também do seu comportamento de consumo. Também deve ser levado em consideração que a empresa não possui um valor considerável em empréstimos e financiamentos, caso ela possuísse, o índice mais adequado seria a Selic, índice que baliza as taxas de juros cobradas no mercado.

Concluiu-se que o demonstrativo de fluxo de caixa corrigido, sob a ótica empresarial, é um ótimo instrumento de gerenciamento financeiro para a tomada de decisões, uma vez que todas as operações ocorridas no caixa têm implicações econômico-financeiras, e ele ajuda aos gestores da empresa a planejar e controlar o valor que deve ser mantido em caixa para liquidação das operações, de modo que este valor não venha a ficar parado e sofrer desvalorizações, além de permitir o planejamento de aplicações para o capital que não for necessário manter em caixa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSAF NETO, A.; SILVA, C. **Administração do capital de giro**. São Paulo: Atlas, 1995.

ASSAF NETO, A. **A dinâmica das decisões financeiras**. Caderno de estudos. FIPECAFI, São Paulo: USP, v. 9, n. 16, jul./dez. 1997.

BERTOLO, L. A. **Inflação**. Bertolo.pro, Catanduva, SP. Disponível em:

<<http://www.bertolo.pro.br/AdminFin/HTML/INFLACAO.htm>>. Acesso em: 19 Jan. 2006.

BRAGA, R. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1994.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**: Nova ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREZATTI, F. **Gestão do fluxo de caixa diário**: como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio. São Paulo: Atlas, 1997.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **DGD – Divisão de Gestão de Dados**. Disponível em: <[http://www2.fgv.br/dgd/asp/dsp\\_IGP.asp](http://www2.fgv.br/dgd/asp/dsp_IGP.asp)> Acesso em 23/07/2006.

GABRIEL, F. **O impacto do fim da correção monetária na rentabilidade e adequação de capital dos bancos no Brasil**. Itabaia – SP, 2004. Disponível em:

<[http://www4.bcb.gov.br/pre/inscricaoContaB/trabalhos/oimpactodofimdacorreçãomonetária\\_narentabilidadeeadequaçãodecapitaldosbancosnoBrasil](http://www4.bcb.gov.br/pre/inscricaoContaB/trabalhos/oimpactodofimdacorreçãomonetária_narentabilidadeeadequaçãodecapitaldosbancosnoBrasil)>. Acesso em 21 Jan. 2006.

IUDÍCIBUS, S. **Análise de Balanços**: análise da liquidez e do endividamento, análise do giro, rentabilidade e alavancagem financeira. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, S.; MARION, J. C. **Curso de contabilidade para não contadores**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1992

MARION, J. C. **Contabilidade empresarial**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOSIMANN, C. P.; ALVES, O. C.; FISCH, S. **Controladoria: seu papel na administração de empresas**. Florianópolis: UFSC, 1993.

RESNIK, P. **A bíblia da pequena empresa**. São Paulo: McGraw-Hill, Makron Books, 1990.

SILVA, C.A.T; SANTOS, J.O. ; OGAWA, J.S. **Fluxo de caixa e DOAR**. Caderno de estudos. FIPECAFI, São Paulo, n.9, out.1993

ZDANOWICZ, J. E. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiros**. 7. ed. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1998.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.